



MODA SEM GÊNERO: UMA REFLEXÃO PARA ALÉM DAS CORES NEUTRAS

Autor (1) Elayne Eva Borges Araújo; Orientador (1) Paula Faustino Sampaio

Universidade Federal do Mato Grosso Campus Universitário de Rondonópolis, elayneborgesa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Recentemente houve no mundo da moda uma explosão de coleções que se autoneameiam como “moda sem gênero” ou “moda sem regras”. Esse *boom* na moda se deve ao fato de grandes nomes da moda terem apresentado nas semanas de moda internacionais peças direcionadas tanto para homens quanto para mulheres.

Nos sites e blogs direcionados ao assunto muito se fala sobre a moda estar cada vez mais sem gênero, afirmando isso como algo positivo que estaria refletindo nas definições entre sexo e gênero que têm sido discutidas no campo epistemológico.

Tendo em vista as discussões acerca de gênero, tanto pela teoria *queer*, como para outras correntes teóricas, o presente estudo tem como propósito investigar até que ponto a moda dita “sem gênero” está realmente quebrando barreiras. Não estaria ela, de certa forma, ressaltando ainda mais a existência de dois mundos distintos dentro do mundo da moda e, conseqüentemente, fora dele?

O estudo se justifica em detrimento da explosão das coleções ditas sem gênero e pelo fato deste fenômeno ter sido tão difundido como um diferencial para as discussões atuais de papéis de gênero.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão teórico-epistemológica, que possibilitou problematizar as questões envolvidas à temática moda sem gênero e é resultado da disciplina “História Social da Mulher” oferecida pelo Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso. A proposta do estudo surgiu a partir do interesse em estudar o assunto que se tornou um fenômeno no último ano a partir da explosão de coleções intituladas por “moda sem gênero”. Além disso, vale ressaltar que este estudo é produto das discussões que suscitaram a partir da disciplina, dentre as quais se propôs reflexões a cerca das questões que perpassam o feminino e o masculino.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para apreciação do assunto foi realizada uma revisão de literatura norteadas pelos estudos de gênero de Bento, de Louro e de Butler e o pós feminismo de Haraway.

Em entrevista para a Revista “cadernos pagu” Berenice Bento problematiza a respeito das questões de gênero, identificando como o gênero pode ser um mecanismo de opressão, uma vez que este, de certa forma, ainda aponta para formas de identificação correspondentes a uma estética de gênero (CADERNOS PAGU, 2014). Na entrevista, Bento pontua sobre como o nosso vocabulário ainda é pobre e binário, de modo tendo sido proposta a distinção saberes entre sexo e gênero, o gênero acaba sendo tão patologizante como eram as noções de sexo. Para repensar essa questão, Bento (2014) propõe que gênero, no sentido binário e naturalizado, deve ser abolido, esvaziando-o do caráter de opressão, de modo que as determinações biológicas fossem combatidas e priorizaria a fluidez da subjetividade.

Ao pensar nas dicotomias sexo e gênero, natureza e cultura nos deparamos com outros problemas no que diz respeito à apropriação do conhecimento que, ao defender um dos lados, acaba o caracterizando como verdade única. No entanto, isso acaba anulando a possibilidade de compreender as coisas em sua integralidade, excluindo a possibilidade de pensar de maneira híbrida. Donna Haraway (1995) aponta para a importância em reconhecer o quanto cada um de nós somos constituído nas diferenças, sendo, então, importante engajar-nos para o enternecimento dessas fronteiras. Confusão. Para isso, Haraway apresenta a metáfora do ciborgue e defende de que ele seria uma criatura utópica do mundo pós-gênero, não sendo ele comprometido com nenhuma totalidade, com nenhuma identificação naturalizada, mas sim, comprometido com a parcialidade, com a ironia, e que propõe, em suma, uma revolução das relações sociais (HARAWAY, 1995).

A teoria *queer*, por sua vez, trouxe outra discussão sobre os padrões de normalidade, colocando-se contra qualquer tipo de normalização, em especial, a heteronormatividade que é naturalizada na sociedade, que vem problematizar as noções clássicas de sujeito, de identidade e de identificação (LOURO, 2001). Butler, uma das teóricas queer, aponta que a noção de binaridade acaba constituindo uma estrutura do feminino que, separada dos outros eixos de relações de poder, acabam sendo, por sua vez, tanto constituintes da noção de identidade “como tornam equívoca a noção singular de identidade” (BUTLER, 2003, p. 21).

Para Butler, se analisarmos gênero enquanto produto de significações culturais, teorizando-o independente do sexo, este conceito se torna um estratagema que pode diminuir a rigidez entre os significados masculino e feminino, homem e mulher. Mas para isso, é importante citar que Butler entende que para compreender gênero não se deve concebê-lo como inscrição cultural, de modo que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

o “gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza” (IBIDEM, p. 25), pois ele é anterior a cultura. Butler entende que a linguagem ao mesmo tempo em que nomeia os corpos também os significa, os constrói (LOURO, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises feitas com as leituras de Bento, de Haraway, de Louro e de Butler o caráter “revolucionário” da moda dita “sem gênero” é posto em cheque.

A proposta da *fast-fashion* defende que se essas distinções deixassem de ser feitas seria uma maneira de quebrar os padrões impostos especificamente para homens e para mulheres e que acaba delimitando possibilidades de ser para cada um deles.

Na prática, as roupas que temos visto dentro dessa definição são, em sua maioria, roupas sem modelagem, sem estampas e com cores neutras, cores estas que na maior parte das vezes compõem tanto coleções especificamente femininas como coleções especificamente masculinas. As lojas de departamento brasileiras que se propuseram a adotar a ideia de moda sem gênero não puseram a baixo as seções masculina e feminina no departamento, mas acrescentaram as roupas sem gênero em meio às categorizações.

Promover uma coleção de roupas em cores neutras seria construir moda além dos gêneros? Ou seria buscar dentre preferências medianas uma forma de harmonizar as preferências entre todas as pessoas? Até que ponto abrir uma terceira seção nas lojas de departamento pode ser considerada uma maneira de quebrar padrões impostos? No fim não seria esta apenas uma maneira de autorizar as pessoas a comprarem roupas independente de sua identificação? Não seria mais transgressor apenas parar de dividir roupas em seções sejam elas quais forem?

Quando estabelecemos a existência de uma moda diferente para homens e para mulheres e que cada uma dessas se propõe a valorizar as especificidades e atributos de seu público alvo, com o objetivo de servir ao público, esta sendo legitimado que existem públicos específicos dentro de cada uma destas categorias. No entanto, estes são classificados por uma maioria que hierarquiza as relações e, por sua vez, promove outras formas de padronização e, ao mesmo tempo, opressão. A exemplo disso pensemos em como a moda direcionada as mulheres, considerando um critério de maioria, acaba por selecionar “tipos” de mulheres que são definidas pelo comprimento da saia que usam.

Entretanto, para quebrar esses padrões seria preciso mais do que propor uniformidade entre todas as categorias que já foram pensadas até hoje. Uma peça de roupa unissex teria o poder de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

quebrar os preconceitos que uma pessoa intersexual sofre diariamente, por exemplo? Ou menos que isso, uma peça neutra (a que transita entre ambos os gêneros) faria sua função de problematizar acerca da opressão marcada nos corpos de pessoas que não se sentem representadas dentro dos padrões que diferenciam os gêneros?

CONCLUSÃO

Existe outro movimento no mundo da moda que tem sido difundido por alguns viéses, desta vez o chamado de *gender-bender*, que seria além gênero, ou simplesmente *Agender*, o que podemos entender por “não ao gênero” considerando o aposto de negação “A”. Esse movimento propõe a ruptura dos estereótipos tradicionais, feminino e masculino, teve início quando um modelo transexual desfilou apresentando coleções femininas ainda antes da sua transição e fora abraçado por marcas de Alta-Costura na Europa (PORTAL FFW). O projeto *Agender* propõe a ruptura na divisão das peças por seções masculinas e femininas.

Considerando que a linguagem significa e constrói modos de ser (BUTLER citada por LOURO, 2001), traduzimos que a moda, enquanto um forte veículo de construção social, também produz meios de subjetivação, podendo funcionar como ferramenta de empoderamento, mas também, como um meio de opressão. Portanto, pontuar a forma como a moda se apropria das problematizações sociais é de fundamental importância.

Pensar em uma solução para esta questão ou até mesmo propor uma moda que corresponda com o que pontuamos através das leituras de Bento, de Haraway, de Louro e de Butler, me soa quase como pensar em uma utopia, da mesma forma em que a própria Haraway entende e metaforiza o ciborgue. Uma moda democrática estaria como uma extensão do ciborgue. No entanto, há que se considerar que essas novas (ou não tão novas assim) formas de se pensar o que é ser homem e o que é ser mulher em meio aos referenciais simbólicos da cultura, da mídia e, neste caso, da moda trazem à tona os incômodos que por vezes são jogados para baixo de tapetes ou guardados a sete chaves dentro de armários sufocantes. No mínimo, abre-se brecha para a visibilidade do que insistimos em não ver.

Acreditar que a adoção das cores neutras e da quebra da silhueta seja por si só uma maneira de promover condições para as pessoas transitarem confortavelmente entre as categorias existentes não é necessariamente entender as diferenças entre as diversidades. Há que se problematizar primeiro as próprias categorias e o que cada uma delas implica, para depois pensar se há necessidade em quebrá-las, e, então repensá-las.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Entrevista com Berenice Bento. Brincar de gênero: uma conversa com Berenice Bento. In. **Cadernos pagu**, v. 43, jul-dez, 2014.

Gender-Bender: a moda reacende debate sobre a questão de gêneros. Disponível em: <http://ffw.com.br/noticias/comportamento/gender-bender-a-moda-reacende-debate-sobre-a-questao-de-generos/>. Acesso em: 21 de abril de 2016.

HARAWAY, Donna J. **Ciencia, cyborgs y mujeres: La reinención de La naturaleza**. Madrid, ES: Ediciones Cátedra, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Estudos Feministas, n. 2, 2001, p. 541-553.